

Nome: Lourdes Veiga Lorenço

Nº 11 Série: 3º A - AQ.

" 1 9 7 9 "

O ambiente é uma praça que pode ser imaginária, sem cenário, pois os personagens dizem que é uma praça. Sobre uma cadeira, como se fosse uma tribuna, está um jovem, entre 25 e 30 anos. Próximo, no chão, como se estivesse deitado sobre a grama, dormindo, com um jornal velho aberto sobre o rosto, está um homem de cabelos grisalhos, roupa surrada. Uma mulher, pobremente vestida, varre os cantos e passeios da praça e recolhe o lixo. O jovem, bem vestido, faz um discurso para uma platéia invisível. Época atual.

Jovem- (Falando como se estivesse discursando) Por isso eu digo a vocês, minha gente: Precisamos fazer a revolução social, precisamos acabar com as injustiças sociais. Não se pode aceitar tranquilamente que alguns poucos morem em verdadeiros palácios, e uma enorme multidão tenha de sobreviver em casebres sujos e infectos. Não é humano e nem cristão - já que tantos enchem a boca com AMOR E CRISTIANISMO - não é humano e nem cristão, repito, uma senhora, mãe de família, provavelmente doente, como aquela que ali está, (aponta para a mulher que varre) seja obrigada a um trabalho tão humilde, tão exaustivo, para que seus pobres filhos não morram à mingua. (Fora do palco, como se estivesse saindo de sua cabeça, vozes gritam: Muito bem! Muito bem! Neste momento, o homem que dormia tira o jornal de sobre o rosto, soergue-se e, apoiado nos cotovelos, fala alto, dirigindo-se ao orador:)

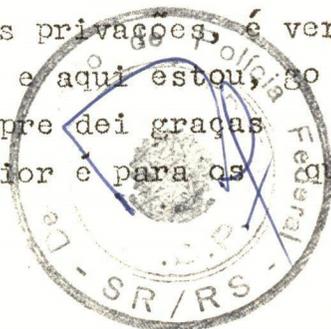
Homem- Será possível que já não se pode dormir em paz numa praça pública? Você aí, o discursseiro de uma figa, não pode ir pregar noutra deserto?

Jovem- (Interrompendo o discurso e falando para o homem) Olha aqui, meu, estou tentando praticar a democracia, está ouvindo? É como já dizia o poeta da libertação dos escravos: "A praça é do povo como o céu é do condor."

Homem- (Sentando-se no chão) Deixa de bobagem, menino, não diz asneiras, não. Povo... Não tem povo nenhum aqui, o povo está lá nas fábricas, trabalhando, produzindo, cumprindo com sua sina.



- Jovem- (Que permanece em pé, meio ridículo, sobre a cadeira) E você? Eu? Esta mulher que varre? Somos reis, príncipes, por acaso? E esta gente apressada, passando, não é povo? Nós todos não somos povo, suando, correndo, sofrendo?
- Homem- (Na mesma postura anterior) Que povo, que nada. Bobagem. Você deve ser filhinho de papai, que não precisa nem trabalhar e finge que estuda e fica aí fazendo conversa fiada, acordando um pobre homem aposentado que tenta alguns momentos de contato com a natureza, respirando um ar mais ou menos puro.
- Jovem- (Continuando em pé na cadeira) Olha cara, você está redondamente enganado. Eu sou um pregador, um difusor de idéias, um líder que deseja conscientizar as pessoas, o povo, sobre seus direitos, sobre as mudanças que devemos introduzir / nesta sociedade podre que aí está.
- Homem- (Levantando-se e aproximando-se do jovem, ficando quase à sua frente, enrolando o jornal que fica em sua mão como se fosse um cassetete) Não diga besteiras, menino. Esta sociedade sempre foi assim, desde que o mundo é mundo. E não será você quem, falando às moscas, irá alterar o que aí está. Você falou sobre esta mulher, (aponta para a mulher que continua varrendo) garanto que está satisfeita por ter conseguido este emprego.
- Jovem- (Faz um gesto de desânimo, desce da cadeira, senta-se nela) Não diga uma coisa dessas, cara. Isso é uma heresia. O papel dela não é fácil, digo, não é ficar aí limpando a sujeira da cidade para ganhar apenas alguns trocados, sem esperança e sem futuro.
- Homem- (Sentando-se no chão, próximo ao jovem) Pois olha, menino, é melhor ganhar alguns trocados do que não ganhar nada. Eu trabalhei a vida toda, passei muitas privações, é verdade, mas não cheguei a morrer de fome e aqui estou, gozando a minha justa aposentadoria. Sempre dei graças a Deus por ter tido sempre um emprego. Pior é para os que nem isso conseguem.



- Jovem- Mas não pode. A gente não deve se conformar com miséria. Aquela história de ser mais fácil um camelo passar no buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus é lorota. Não está certo que alguns tenham tudo exageradamente e o resto, a grande maioria, não tenha nem onde cair morto. A propósito, você é casado?
- Homem- (Surpreso) Eu?... Casado?
- Jovem- Sim, você é casado, não é?
- Homem- Não, Deus me livre, não sou casado, não. Graças a Deus, não sou, nem nunca foi. Precisei trabalhar muito cedo, tive de ajudar os velhos e quando meu pai morreu, assassinado, ele era vigia numa fábrica, tive de ajudar a criar os meus irmãos pequenos. Não tive tempo para casar e quando pensei nisso, já tinha passado a idade. Mulher nenhuma casa com um homem velho, sem eira nem beira.
- Jovem- (De modo vibrante) Está vendo só, está vendo? E você acha que isto é justo, um homem não ter o direito nem de amar?
- Homem- (Baixando a cabeça e fingindo arrumar a roupa) Bobagem, menino, bobagem. Também esta história de amor é conversa mole pra boi dormir. O cara casa só pra ir pra cama com a doma e pronto.
- Jovem- Não, não posso aceitar que você pense desse jeito. No fundo, no fundo você é um revoltado. E é de gente assim que precisamos. Gente que sofre, que sofreu, que sabe o que é passar mal.
- Homem- (levantando-se) Quer ver só o que pensa aquela senhora que está varrendo ali? Venha. (o rapaz o acompanha, e ele se dirige à mulher que varre que volta-se para eles) Senhora por favor, diga-me uma coisa: a senhora gosta desse serviço que faz? (A mulher não responde, só abaixa a cabeça, demonstra nervosismo, mexendo na vassoura)
- Jovem- A senhora é casada, não é?
(A mulher continua de cabeça baixa e em silêncio)



- Jovem- Pode falar, não tenha medo, não queremos lhe fazer mal al
gum. Quantos filhos a senhora tem?
(A mulher, como se estivesse sofrendo uma ameaça, amedron-
tada, olha aflita para os lados, balbucia qualquer coisa,
e foge, correndo, saindo de cena).
- Homem- (Depois que a mulher sai, começa a rir) Viu só? Você apa-
vorou a coitada. Vai ver que ela pensou que você é da po-
lícia, com tantas perguntas. Essa pobre gente nem sabe /
porque e para que vive, e assim, só sabe fazer filho que,
amanhã ou depois, vai virar engraxate, operário da cons-
trução civil, gente como eu, e isso se não tiver a desgra-
ça de virar bandido.
- Jovem- (Empolgado) Mas é isso, é isso que temos de mudar, você en
tende?
- Homem- O que eu entendo é que em toda a minha vida sempre fui
mandado, faça isso, faça aquilo, não faça isso, não faça
aquilo, nunca pude fazer nada pela minha própria cabeça,
além de ouvir promessas e mais promessas que nunca foram
cumpridas por ninguém.
- Jovem- (Decidido) Então, cara, então? Não é essa a destinação hu-
mana, precisamos reagir, precisamos... (Aproxima-se uma
moça, vestida, mais ou menos, como as chamadas magrinhas.
O Jovem dirige-se para ela, interrompendo-a)
Você não acha, minha, que o amor existe, que...
- Moça- (Interrompendo) Olha aqui, qual é a tua, não vem com essa
conversa, não. O que é que tu está querendo com esse papo
de amor, heim?
- Jovem- Eu apenas queria saber se...
(A moça não espera ele concluir, e segue, apressada e con
fusa, saindo de cena. O jovem fica parado, apalermado, se-
guindo a moça com o olhar)
- Homem- (Rindo alto) Viu, viu só, seu bacana? Fingem quer saber
de teu papo. O pessoal tem mais o que fazer, em vez de fi-
car aí escutando um maluco falar em reforma, em justiça



social, em amor e toda essa babozeira tua. Só eu que não tenho nada pra fazer é que fico aqui te agüentando.

Jovem- Francamente, já não entendo mais nada. Eu disse alguma coisa errada pra ela?

Homem- Não, acho que disse não. Vai ver que ela está indo se encontrar com o namorado e pensou que você estivesse passando uma cantada nela. Você sabe, hoje em dia...

Jovem- Veja só. E parecia uma pessoa inteligente.

Homem- Bom, a conversa está boa, mas eu tenho de ir indo, senão perco o ônibus lá pro meu bairro. Tchau pra ti. (Coloca o jornal no bolso, digo, em forma de cassetete, sob o braço, pega umas moedas no bolso, tilinta-as com a mão semi-fechada, afasta-se lentamente, saindo de cena)

Jovem- (Olha para o alto, como se estivesse implorando alguma coisa para quem lá estivesse, abre os braços, desamparados de costas para a platéia, e depois de permanecer assim por alguns momentos, dirige-se para a cadeira que usara como tribuna, sobe nela, dos bastidores ouve-se: Fuito bem! E, de frente para a platéia, recomeça seu discurso, porém , somente fazendo gestos bem marcados e exagerados, movendo os lábios como se estivesse falando, mas não se ouve nenhum som, nenhuma palavra, fisionomia transtornada, enquanto, de fundo, começa a crescer lentamente uma música dramática, densa e pesarosa) Fecham-se as cortinas.

